

DO RIBEIRO À FONTE

Uma Lenda da Nossa Terra



António Filipe Mota

Inspirado nas tradições da Faia e de Basto

Este livro nasceu da vontade de preservar e partilhar algumas **tradições** das **freguesias** da **Faia** e **Basto**, transformando memórias, histórias e costumes locais numa narrativa destinada aos mais novos.

A obra foi desenvolvida no âmbito do **Domínio de Articulação Curricular** entre o Ensino Pré-Escolar e o 1.º Ano de Escolaridade da **Escola Básica da Faia** e do **Jardim de Infância de Basto**, subordinado à temática “*À descoberta das nossas tradições e costumes*”.

O trabalho pedagógico envolveu os alunos da **Turma F01**, do 1.º ano de escolaridade, da Escola Básica da Faia, no ano letivo **2025/2026**, valorizando o património local, a imaginação, a leitura e a criatividade.

As ilustrações deste livro foram concebidas para serem coloridas pelas crianças, permitindo que cada leitor também participe na construção desta história.

Este exemplar pertence a:

Projeto coordenado por

António Filipe Mota

Às famílias e aos alunos do ano letivo 2025/2026,

e a todos os que acreditam que a água,

a memória e a tradição

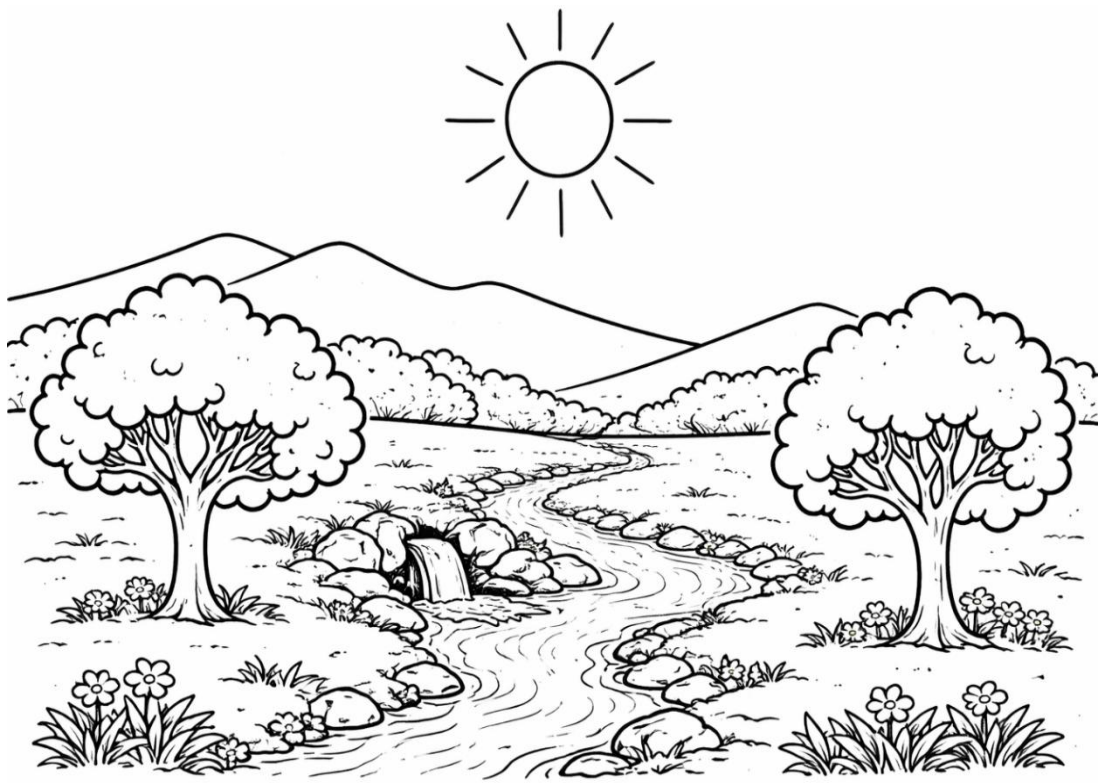
continuam a dar vida à nossa terra.

Nota de Autor

As terras guardam memórias. Algumas vivem nos monumentos, outras nas paisagens e muitas permanecem nas histórias transmitidas de geração em geração. São elas que nos ajudam a compreender quem somos e de onde vimos.

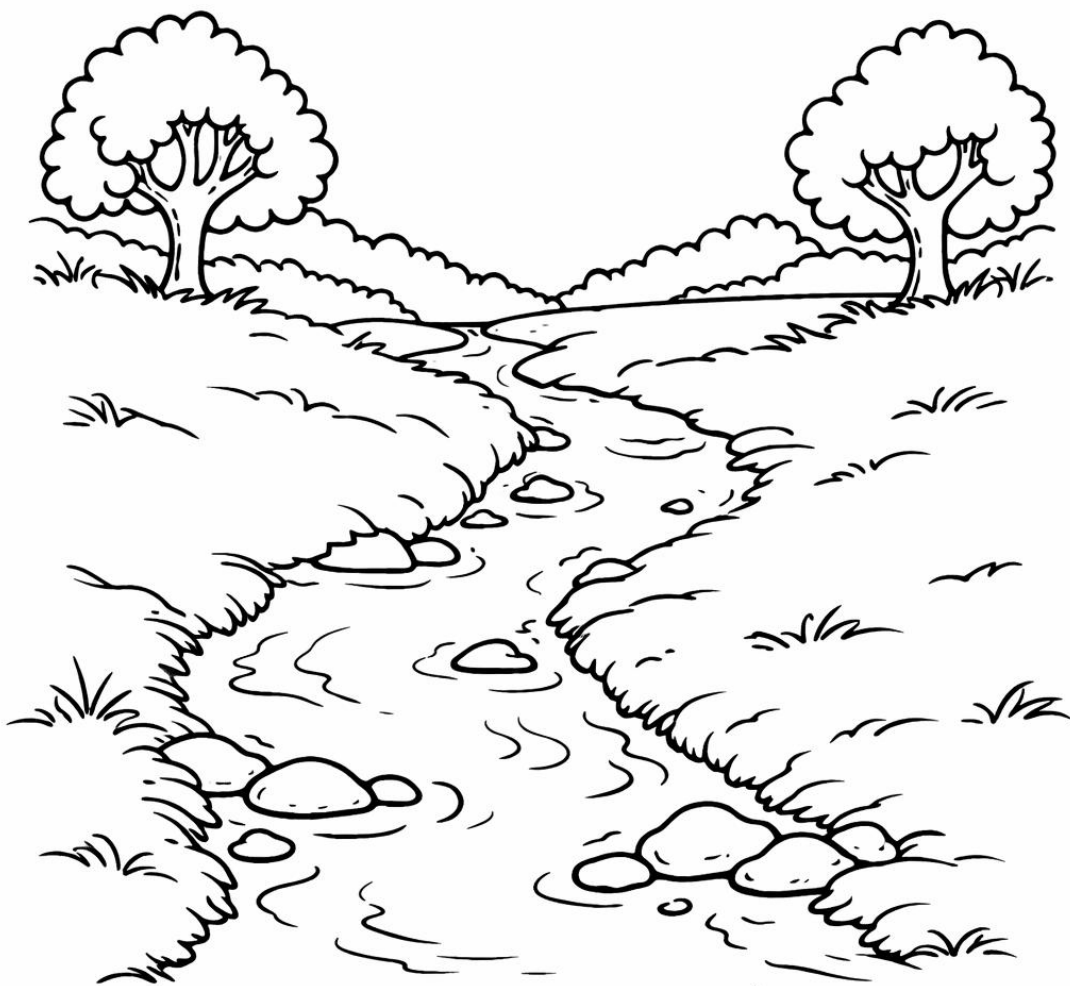
Ao unir o **Ribeiro de São Tiago** e a **Fonte de Santa Senhorinha** numa narrativa comum, procurei transformar essas memórias numa obra destinada aos mais novos, promovendo o património imaterial local, o respeito pela água, pela tradição e pelas raízes das nossas terras.

Mais do que contar uma lenda, este livro pretende recordar que a água, a memória e a tradição continuam a ligar as pessoas aos lugares que fazem parte da sua história e a que chamam seus.



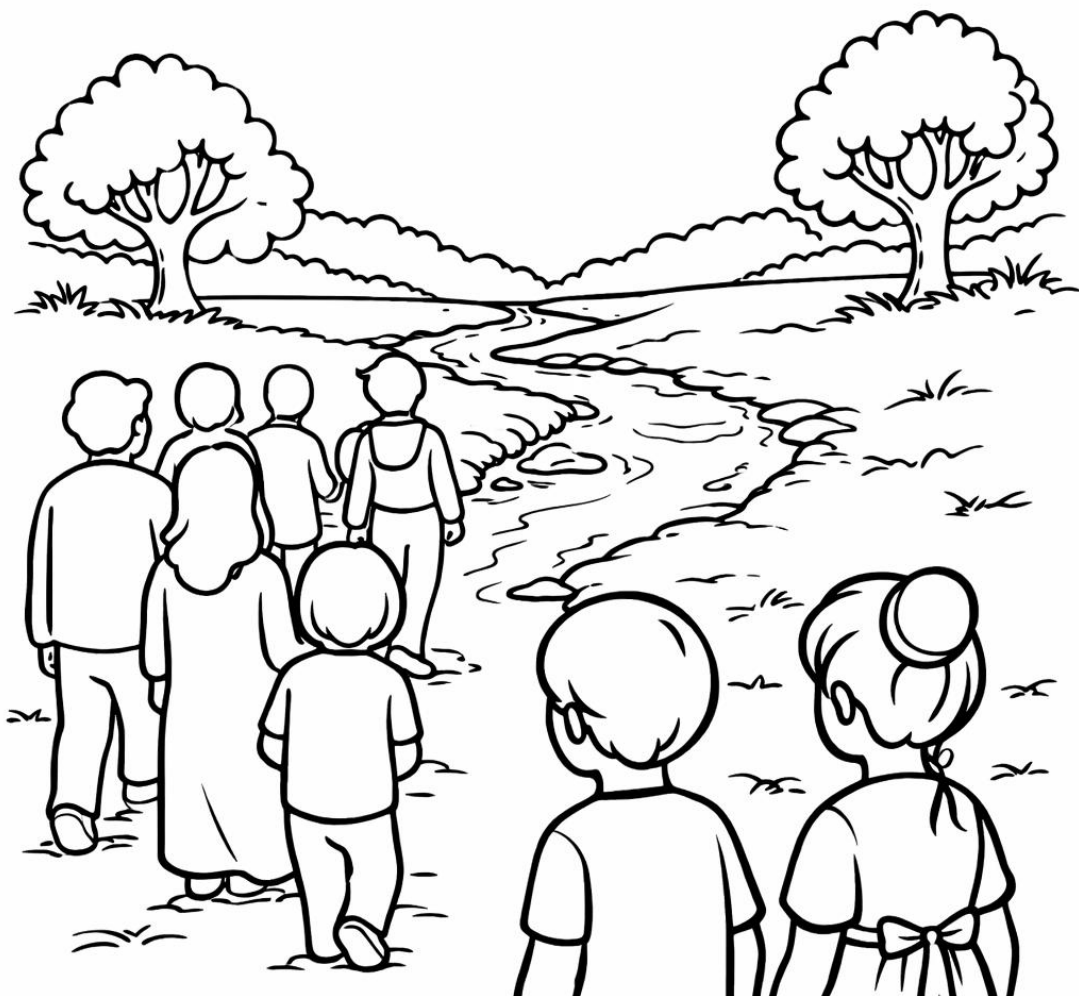
Há muito tempo, nas terras da **Faia** e de **Basto**, a água era mais do que água. Era cuidado, era fé, era vida.

O sol brilhava com força e o chão pedia um abraço fresco. As árvores pareciam esperar por um segredo que corria debaixo da terra.

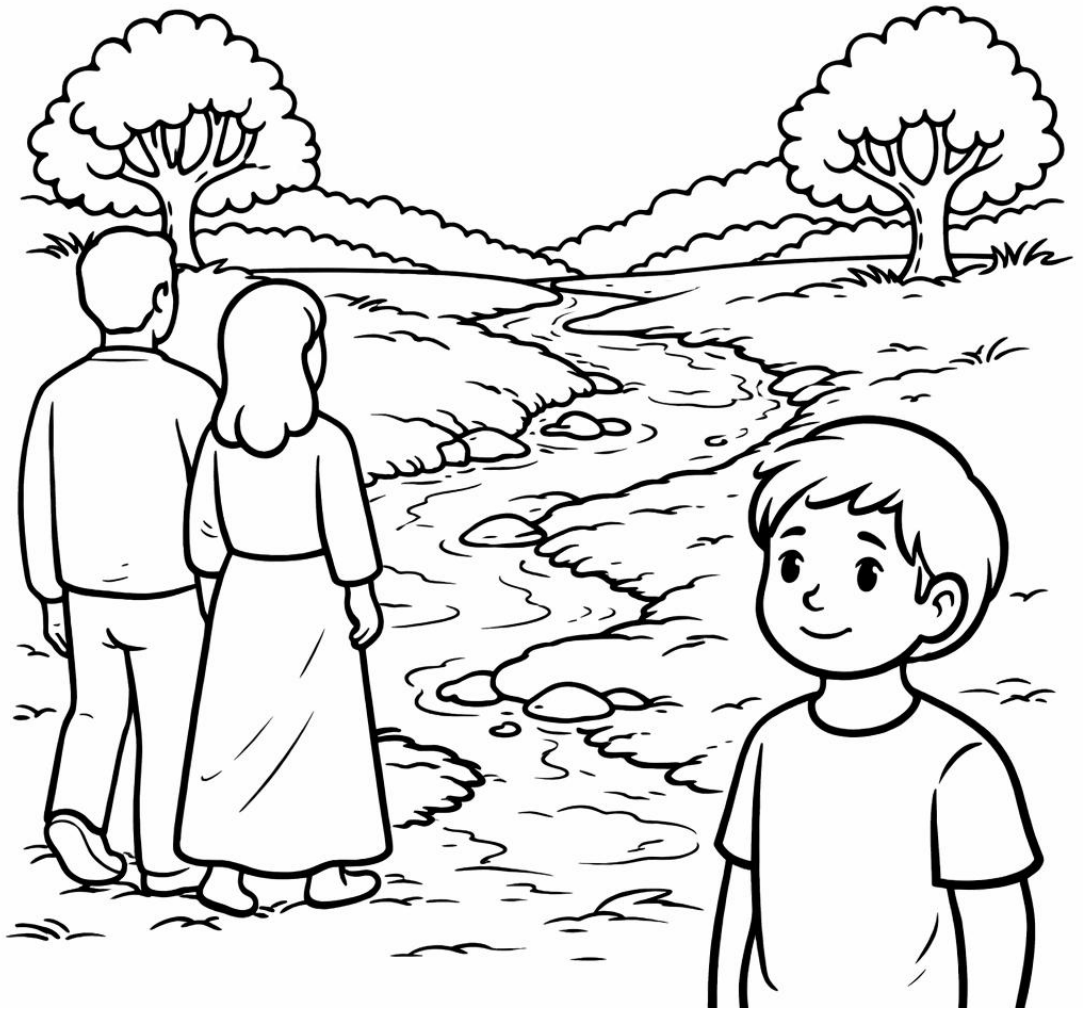


Na freguesia da Faia corria o **Ribeiro de São Tiago**, que contava histórias às pedras.

A sua água deslizava sem pressa, cantando uma música baixinha. Era o coração desta terra, batendo entre as margens de erva.



Todos os anos, no **Dia de São Tiago**, as pessoas iam até ao ribeiro. Levavam fé e esperança no coração, como quem leva uma luz por dentro.



O jovem **Martim** caminhava com a família até à água.
Seguiam com o cansaço do trabalho e um punhado de sonhos no
bolso. Sabiam que aquele lugar era especial e cheio de paz.

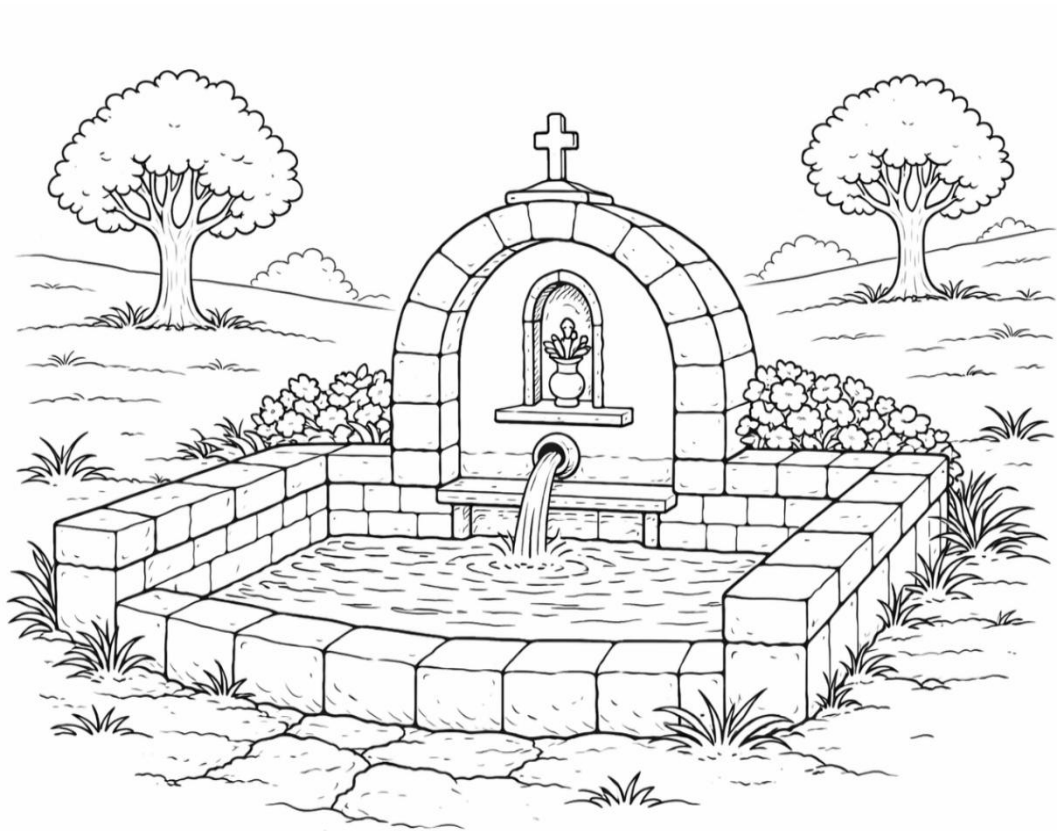


Dizia-se que o ribeiro tinha guardiões discretos: as **“bichas de água”**, pequenas criaturas que ali viviam.

As pessoas acreditavam que ajudavam a aliviar as dores do corpo.

Quem nelas confiava, sentia alívio e esperança.

Não era magia. Era tradição antiga, ensinada pelos avós.



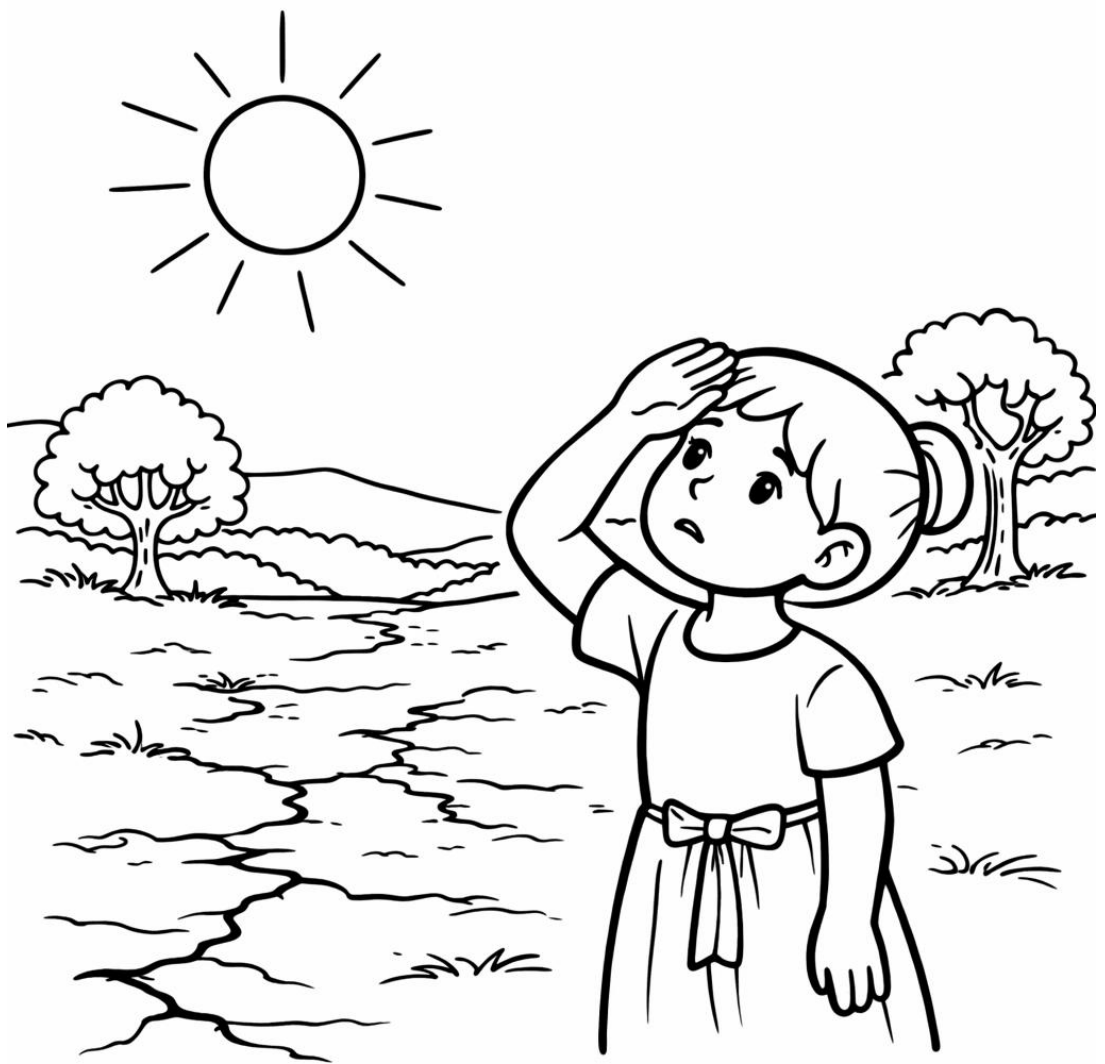
Nas terras de **Basto** erguia-se uma antiga fonte de pedra: a **Fonte de Santa Senhorinha**.

A sua água era fresca e constante, e as pessoas iam lá agradecer e pedir proteção.

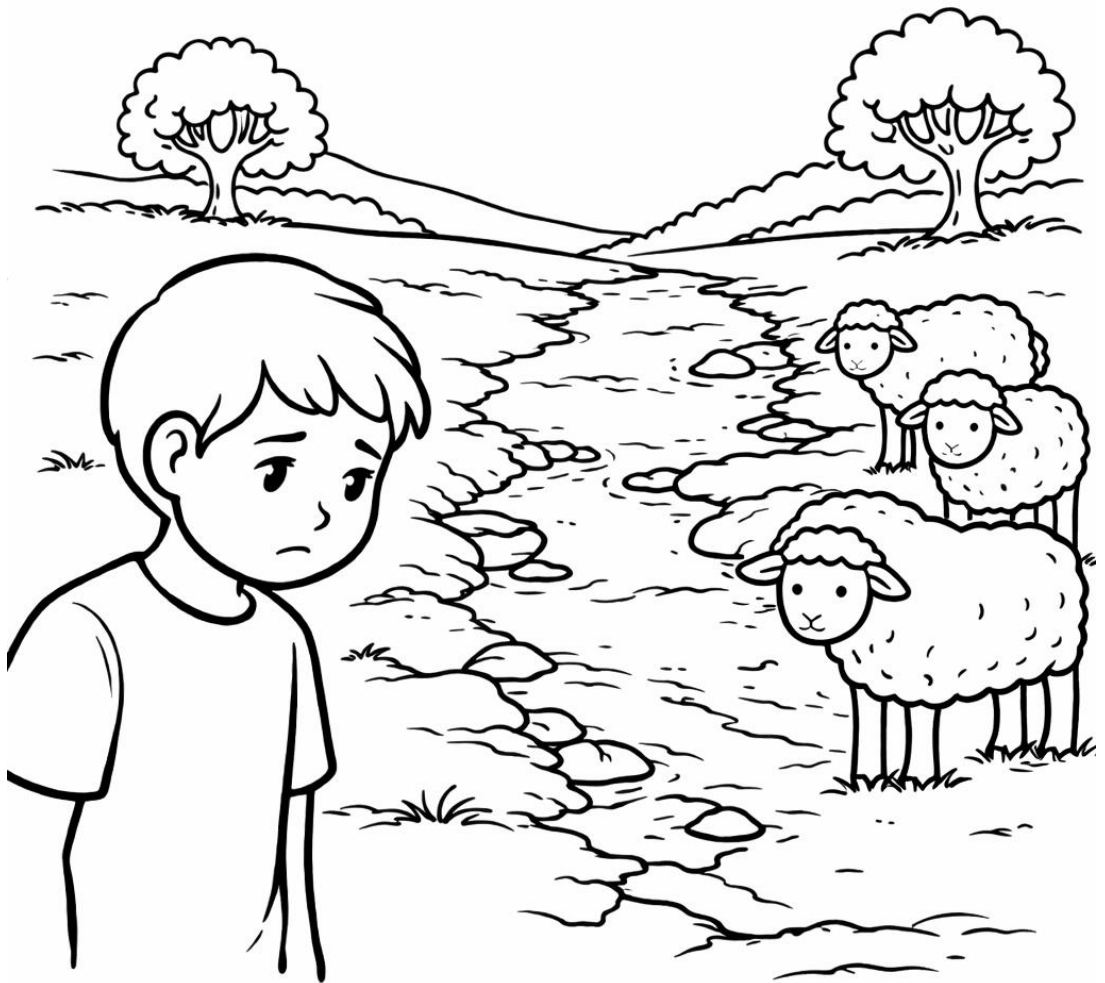


Conta a tradição que, em tempos difíceis, **Santa Senhorinha** abençoou aquela nascente.

Desde então, a fonte tornou-se sinal de fé. Muitos diziam: “Aqui a água protege o seu povo e guarda a sua terra.”



Mas um dia, as nuvens esqueceram-se de visitar as montanhas.
A pequena **Luna** olhava para o céu à procura de uma gota de chuva.
O calor era pesado e o chão começou a abrir fendas.

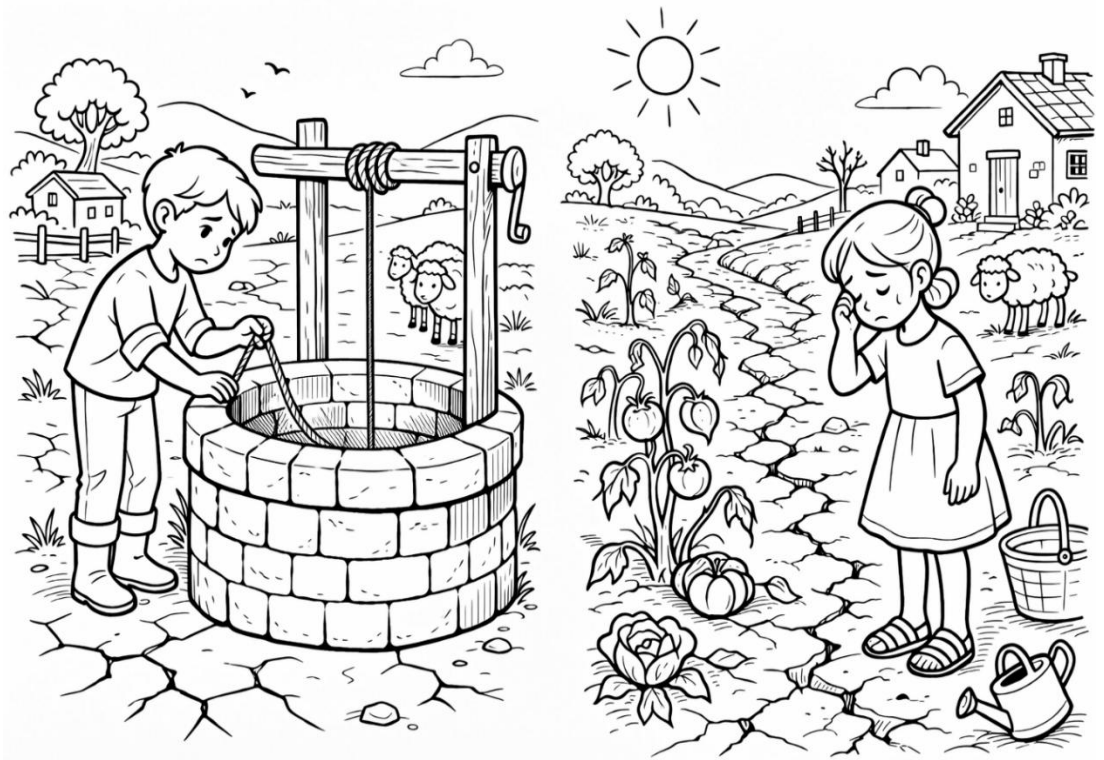


Na Faia, o **Ribeiro de São Tiago** ficou cada vez mais pequeno.
Onde antes havia música, agora havia silêncio e pedras quentes.
Martim sentiu medo: e as suas ovelhas, como beberiam?



Em Basto, a **Fonte de Santa Senhorinha** também começou a correr devagar.

As pessoas ficaram inquietas. Sem água, a terra entristece, e o coração do povo aperta.



Martim tentou encontrar água nos poços, mas estavam quase vazios.

Luna viu as hortas secarem. Parecia que o cansaço era maior do que a própria esperança.



Martim e Luna encontraram-se na escola.

Levavam cada um uma pequena garrafa com a água que restava em casa.

Partilharam-na com cuidado.

“Não podemos desistir”, disseram, baixinho, como um segredo de coragem.



No **Dia de São Tiago**, mesmo com pouca água, algumas famílias foram ao ribeiro.

Foram com respeito e com mãos de trabalho: limpavam folhas, desimpediram a água, cuidaram das margens.



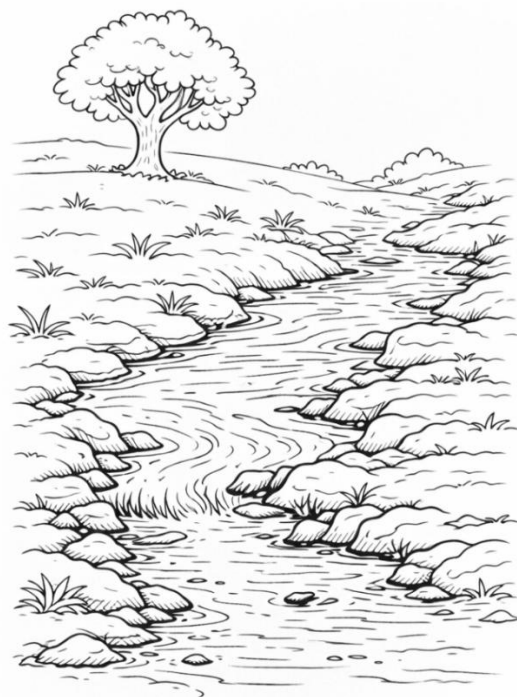
Em **Basto**, as pessoas fizeram o mesmo na fonte.

Retiraram ramos, protegeram a nascente e prometeram não desperdiçar a água.

Luna ajudou com atenção e carinho.



Diz-se que, nesse tempo, **São Tiago** guardou o ribeiro em silêncio.
E **Santa Senhorinha** vigiou a fonte com serenidade. Não por espetáculo, mas por proteção.



Pouco a pouco, a terra começou a responder.

Primeiro, um fio de água apareceu no ribeiro. Depois, uma gota mais fresca correu na fonte.

Não porque se tivessem juntado, mas porque **tinham sido respeitados.**



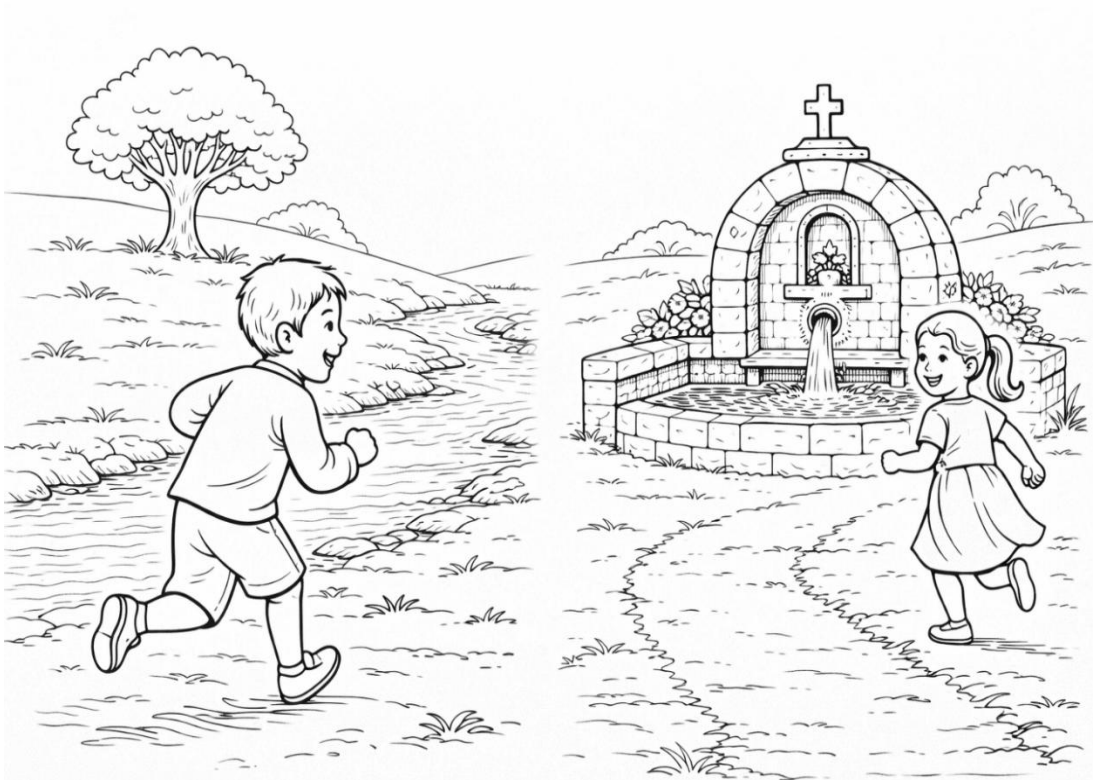
Na **Faia**, o ribeiro voltou a cantar baixinho.

As “bichas de água” reapareceram, discretas, como sempre foram.

As pessoas sorriram: a tradição continuava viva.



Em **Basto**, ouviu-se um som claro, como um pequeno cristal.
A fonte voltou a correr com força renovada. Santa Senhorinha parecia dizer ao vento: “A água é vida.”



Martim ouviu a água perto das margens e correu para ver.

Luna também correu, feliz, porque a sede da terra parecia aliviar. A vida regressava, devagar, como quem volta a casa.



Luna mergulhou as mãos na água e lavou o rosto com alegria.
“Obrigada, protetora da nossa terra”, disse, com o coração leve.



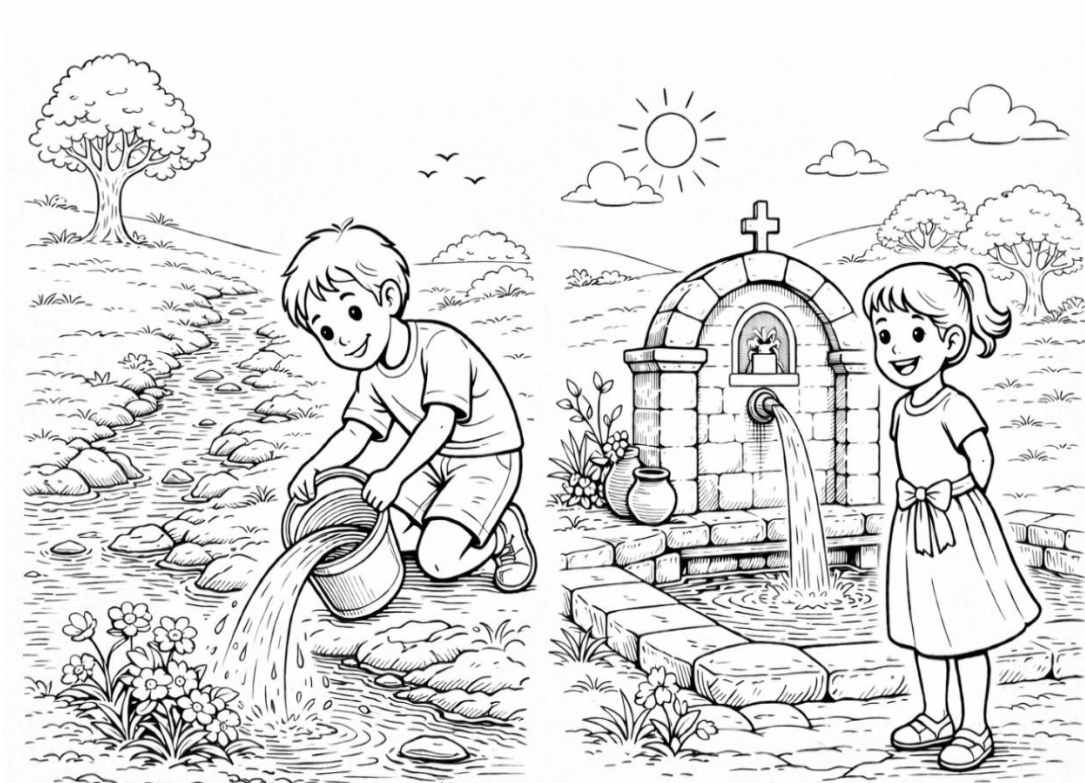
Martim encheu um balde e foi molhar as flores mais secas.

O povo saiu à rua para celebrar, porque a esperança tinha voltado a correr nas suas terras.



Santa Senhorinha abençoou a fonte de Basto, prometendo proteção.

“Enquanto houver respeito por este bem, a água será a vossa força”,
conta a tradição.



A **Faia** continuou com o seu ribeiro. **Basto** continuou com a sua fonte.

Cada tradição manteve a sua história, e cada lugar guardou o seu milagre. Martim e Luna prometeram cuidar de cada ribeiro e de cada fonte.



E assim nasceu uma lenda que passa de boca em boca:
quando a água é respeitada, a esperança nunca seca.

Ouve a nossa canção

Esta história também se canta.

Digitaliza o código e escuta a música inspirada na nossa lenda.



Ficha Técnica

Autor

António Filipe Mota

Coordenação Pedagógica

António Filipe Mota

Ilustrações

Projeto Educativo desenvolvido com os alunos do Ensino Pré-Escolar e do 1.º Ano de Escolaridade da Escola Básica da Faia e do Jardim de Infância de Basto

Edição

António Filipe Mota

Ano

2026

Local de Edição

Faia / Basto

ISBN

978-989-33-9423-6

Tiragem

50 exemplares

© António Filipe Mota, 2026

Todos os direitos reservados.

Este livro integra o Projeto Educativo

Terras de Basto – Uma Aventura no Património

Versão digital e recursos complementares disponíveis em

<https://terrasdebastoaventura.pt>

Quando a água deixa de correr,
é preciso escutar a terra, a memória
e as histórias que fazem parte
da nossa identidade.

Nesta lenda inspirada nas tradições
locais, Martim e Luna descobrem que
o cuidado com a natureza é também
cuidado com a nossa comunidade.

Uma história sobre pertença,
responsabilidade e esperança.



ISBN 978-989-33-9423-6



9 789893 394236